

«A Igreja deve aprender com as duras lições do passado, e devia haver uma assunção de responsabilidades, tanto por parte daqueles que cometeram os abusos, como daqueles que permitiram que eles ocorressem». Declaração proferida na noite de 16 agosto de 2018 pelo Diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, Greg Burke, ao comentar o relatório sobre abusos sexuais contra menores ocorridos na diocese da Pensilvânia, publicado dois dias antes.



*Entretanto, na Pensilvânia, EUA... Cartoon de André Carrilho. DN 19/08/2018*

# *vergonha e dor*

"Face ao relatório tornado público na Pensilvânia esta semana - diz o porta-voz do Vaticano – há duas palavras que bem podem expressar o nosso sentimento perante esses crimes horríveis: vergonha e dor. A Santa Sé atribui grande seriedade ao trabalho realizado pelo *Investigating Grand Jury* da Pensilvânia, e ao longo relatório por ele produzido. A Santa Sé condena, inequivocamente, todo e qualquer **abuso sexual** contra menores".

A reportagem é de ANDREA TORNIELLI, publicada por *Vatican Insider*, 16-08-2018.

**E**a declaração prossegue: os abusos descritos no relatório, "são repreensíveis do ponto de vista criminal e moral. Esses atos traíram a confiança das vítimas e roubaram-lhes a sua dignidade e a sua fé". Deparamos, em seguida, com uma importante e exigente afirmação: "A Igreja deve aprender com as duras lições do passado, e deve haver uma assunção de responsabilidades, tanto por parte daqueles que cometeram os abusos, como daqueles que permitiram que eles ocorressem." O Vaticano espera, portanto, que tanto os abusadores ainda vivos, como as autoridades eclesíásticas que os encobriram, assumam as suas responsabilidades.

"Muito do que surge no relatório - observou Burke – diz respeito a abusos anteriores aos primeiros anos de 2000. Não tendo encontrado, praticamente, casos posteriores a 2002, as conclusões do Grande Júri são coerentes com estudos anteriores que mostram que as reformas feitas pela Igreja Católica nos EUA reduziram, drasticamente, a incidência de abusos cometidos pelo clero". Assim, as novas normas e práticas implementadas ao longo das duas últimas décadas, têm produzido resultados importantes, conseguindo reduzir, de forma consistente, este fenómeno.

"A Santa Sé - afirma a declaração – dá todo o seu incentivo a reformas constantes e ao incremento da vigilância a todos os níveis da Igreja Católica, a fim de garantir a proteção dos menores e dos adultos vulneráveis. Também enfatiza a necessidade de obedecer à legislação civil, incluindo a obrigação de denunciar os casos de abuso contra menores".

"O Santo Padre - conclui o porta-voz do Vaticano – compreende que tais crimes possam abalar a fé e o espírito dos crentes, e reitera o seu apelo a que se façam todos os esforços para se criar um ambiente seguro para os menores e os adultos vulneráveis, na Igreja e em toda a sociedade. As vítimas devem saber que o Papa está ao seu lado. As vítimas são a sua prioridade, e a Igreja quer ouvi-las, a fim de erradicar esse trágico horror que destrói a vida de tantos inocentes."

# CARTA DO PAPA FRANCISCO AO POVO DE DEUS

«Um membro sofre? Todos os outros membros sofrem com ele» (1 Co 12, 26). Estas palavras de São Paulo ressoam com força no meu coração ao constatar mais uma vez o sofrimento vivido por muitos menores por causa de abusos sexuais, de poder e de consciência cometidos por um número notável de clérigos e pessoas consagradas. Um crime que gera profundas feridas de dor e impotência, em primeiro lugar nas vítimas, mas também em suas famílias e na inteira comunidade, tanto entre os crentes como entre os não-crentes. Olhando para o passado, nunca será suficiente o que se faça para pedir perdão e procurar reparar o dano causado. Olhando para o futuro, nunca será pouco tudo o que for feito para gerar uma cultura capaz de evitar que essas situações não só não aconteçam, mas que não encontrem espaços para serem ocultadas e perpetuadas. A dor das vítimas e das suas famílias é também a nossa dor, por isso é preciso reafirmar mais uma vez o nosso compromisso em garantir a protecção de menores e de adultos em situações de vulnerabilidade.

## **1. Um membro sofre?**

Nestes últimos dias, um relatório foi divulgado detalhando aquilo que vivenciaram pelo menos 1.000 sobreviventes, vítimas de abuso sexual, de poder e de consciência, nas mãos de sacerdotes por aproximadamente setenta anos. Embora seja possível dizer que a maioria dos casos corresponde ao passado, contudo, ao longo do tempo, conhecemos a dor de muitas das vítimas e constatamos que as feridas nunca desaparecem e nos obrigam a condenar veementemente essas atrocidades, bem como unir esforços para erradicar essa cultura da morte; as feridas “nunca prescrevem”. A dor dessas vítimas é um gemido que clama ao céu, que alcança a alma e que, por muito tempo, foi ignorado, emudecido ou silenciado. Mas seu grito foi mais forte do que todas as medidas que tentaram silenciá-lo ou, inclusive, que procuraram resolvê-lo com decisões que aumentaram a gravidade caindo na cumplicidade. Clamor que o Senhor ouviu, demonstrando, mais uma vez, de que lado Ele quer estar. O cântico de Maria não se equivoca e continua a se sussurrar ao longo da história, porque o Senhor se lembra da promessa que fez a nossos pais: «dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias» (Lc 1, 51-53), e sentimos vergonha quando percebemos que o nosso estilo de vida contradisse e contradiz aquilo que proclamamos com a nossa voz.

Com vergonha e arrependimento, como comunidade eclesial, assumimos que não soubemos estar onde deveríamos estar, que não agimos a tempo para reconhecer a dimensão e a gravidade do dano que estava sendo causado em tantas vidas. Nós negligenciamos e abandonamos os pequenos. Faço minhas as palavras do então Cardeal Ratzinger quando, na Via Sacra escrita para a Sexta-feira Santa de 2005, uniu-se ao grito de dor de tantas vítimas, afirmando com força: «Quanta sujeira há na Igreja, e precisamente entre aqueles que, no sacerdócio, deveriam pertencer completamente a Ele! Quanta soberba, quanta autossuficiência!... A traição dos discípulos, a recepção indigna do seu Corpo e do seu Sangue é certamente o maior sofrimento do Redentor, o que Lhe trespassa o coração. Nada mais podemos fazer que dirigir-Lhe, do mais fundo da alma, este grito: *Kyrie, eleison* – Senhor, salvai-nos (cf. Mt 8, 25)» (Nona Estação).

## **2. Todos os outros membros sofrem com ele**

A dimensão e a gravidade dos acontecimentos obrigam a assumir esse facto de maneira global e comunitária. Embora seja importante e necessário em qualquer caminho de conversão tomar

conhecimento do que aconteceu, isso, em si, não basta. Hoje, como Povo de Deus, somos desafiados a assumir a dor de nossos irmãos feridos na sua carne e no seu espírito. Se no passado a omissão pôde tornar-se uma forma de resposta, hoje queremos que seja a solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo e desafiador, a tornar-se o nosso modo de fazer a história do presente e do futuro, num âmbito onde os conflitos, tensões e, especialmente, as vítimas de todo o tipo de abuso possam encontrar uma mão estendida que as proteja e resgate da sua dor (cf. Exort. ap. *Evangeli gaudium*, 228). Essa solidariedade exige que, por nossa vez, denunciemos tudo o que possa comprometer a integridade de qualquer pessoa. Uma solidariedade que exige a luta contra todas as formas de corrupção, especialmente a espiritual «porque trata-se duma cegueira cômoda e autossuficiente, em que tudo acaba por parecer lícito: o engano, a calúnia, o egoísmo e muitas formas subtis de autorreferencialidade, já que “também Satanás se disfarça em anjo de luz” (2 Cor 11, 14)» (Exort. ap. *Gaudete et exultate*, 165). O chamado de Paulo para sofrer com quem sofre é o melhor antídoto contra qualquer tentativa de continuar reproduzindo entre nós as palavras de Caim: «Sou, porventura, o guardião do meu irmão?» (Gn 4, 9).

Reconheço o esforço e o trabalho que são feitos em diferentes partes do mundo para garantir e gerar as mediações necessárias que proporcionem segurança e protejam a integridade de crianças e de adultos em situação de vulnerabilidade, bem como a implementação da “tolerância zero” e de modos de prestar contas por parte de todos aqueles que realizem ou acobertem esses crimes. Tardamos em aplicar essas medidas e sanções tão necessárias, mas confio que elas ajudarão a garantir uma maior cultura do cuidado no presente e no futuro.

Juntamente com esses esforços, é necessário que cada batizado se sinta envolvido na transformação eclesial e social de que tanto necessitamos. Tal transformação exige conversão pessoal e comunitária, e nos leva dirigir os olhos na mesma direção do olhar do Senhor. São João Paulo II assim o dizia: «se verdadeiramente partimos da contemplação de Cristo, devemos saber vê-Lo sobretudo no rosto daqueles com quem Ele mesmo Se quis identificar» (Carta ap. *Novo millennio ineunte*, 49). Aprender a olhar para onde o Senhor olha, estar onde o Senhor quer que estejamos, converter o coração na Sua presença. Para isso nos ajudarão a oração e a penitência. Convido todo o Povo Santo fiel de Deus ao exercício penitencial da oração e do jejum, seguindo o mandato do Senhor [1], que desperte a nossa consciência, a nossa solidariedade e o compromisso com uma cultura do cuidado e o “nunca mais” a qualquer tipo e forma de abuso.

É impossível imaginar uma conversão do agir eclesial sem a participação activa de todos os membros do Povo de Deus. Além disso, toda vez que tentamos suplantar, silenciar, ignorar, reduzir em pequenas elites o povo de Deus, construímos comunidades, planos, ênfases teológicas, espiritualidades e estruturas sem raízes, sem memória, sem rostos, sem corpos, enfim, sem vidas [2]. Isto se manifesta claramente num modo anômalo de entender a autoridade na Igreja - tão comum em muitas comunidades onde ocorreram as condutas de abuso sexual, de poder e de consciência - como é o clericalismo, aquela «atitude que não só anula a personalidade dos cristãos, mas tende também a diminuir e a subestimar a graça batismal que o Espírito Santo pôs no coração do nosso povo» [3]. O clericalismo, favorecido tanto pelos próprios sacerdotes como pelos leigos, gera uma ruptura no corpo eclesial que beneficia e ajuda a perpetuar muitos dos males que denunciemos hoje. Dizer não ao abuso, é dizer energicamente não a qualquer forma de clericalismo.

É sempre bom lembrar que o Senhor, «na história da salvação, salvou um povo. Não há identidade plena, sem pertença a um povo. Por isso, ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus atrai-nos tendo em conta a complexa rede de relações interpessoais que se estabelecem na comunidade humana: Deus quis entrar numa dinâmica popular, na dinâmica dum povo» (Exort. ap. *Gaudete et exultate*, 6). Portanto, a única maneira de respondermos a esse mal que prejudicou tantas vidas é vivê-lo como uma tarefa que nos envolve e corresponde a todos como Povo de Deus. Essa consciência de nos sentirmos parte de um povo e de uma história comum nos permitirá reconhecer

nossos pecados e erros do passado com uma abertura penitencial capaz de se deixar renovar a partir de dentro. Tudo o que for feito para erradicar a cultura do abuso em nossas comunidades, sem a participação activa de todos os membros da Igreja, não será capaz de gerar as dinâmicas necessárias para uma transformação saudável e realista. A dimensão penitencial do jejum e da oração ajudar-nos-á, como Povo de Deus, a nos colocar diante do Senhor e de nossos irmãos feridos, como pecadores que imploram o perdão e a graça da vergonha e da conversão e, assim, podermos elaborar acções que criem dinâmicas em sintonia com o Evangelho. Porque «sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo actual» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 11).

É imperativo que nós, como Igreja, possamos reconhecer e condenar, com dor e vergonha, as atrocidades cometidas por pessoas consagradas, clérigos, e inclusive por todos aqueles que tinham a missão de assistir e cuidar dos mais vulneráveis. Peçamos perdão pelos pecados, nossos e dos outros. A consciência do pecado nos ajuda a reconhecer os erros, delitos e feridas geradas no passado e permite nos abrir e nos comprometer mais com o presente num caminho de conversão renovada.

Da mesma forma, a penitência e a oração nos ajudarão a sensibilizar os nossos olhos e os nossos corações para o sofrimento alheio e a superar o afã de domínio e controle que muitas vezes se torna a raiz desses males. Que o jejum e a oração despertem os nossos ouvidos para a dor silenciada em crianças, jovens e pessoas com necessidades especiais. Jejum que nos dá fome e sede de justiça e nos encoraja a caminhar na verdade, dando apoio a todas as medidas judiciais que sejam necessárias. Um jejum que nos sacuda e nos leve ao compromisso com a verdade e na caridade com todos os homens de boa vontade e com a sociedade em geral, para lutar contra qualquer tipo de abuso de poder, sexual e de consciência.

Desta forma, poderemos tornar transparente a vocação para a qual fomos chamados a ser «um sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano» (Conc. Ecum. Vat. II, *Lumen gentium*, 1).

«Um membro sofre? Todos os outros membros sofrem com ele», disse-nos São Paulo. Através da atitude de oração e penitência, poderemos entrar em sintonia pessoal e comunitária com essa exortação, para que cresça em nós o dom da compaixão, justiça, prevenção e reparação. Maria soube estar ao pé da cruz de seu Filho. Não o fez de uma maneira qualquer, mas permaneceu firme de pé e ao seu lado. Com essa postura, Ela manifesta o seu modo de estar na vida. Quando experimentamos a desolação que nos produz essas chagas eclesiais, com Maria nos fará bem «insistir mais na oração» (cf. S. Inácio de Loyola, *Exercícios Espirituais*, 319), procurando crescer mais no amor e na fidelidade à Igreja. Ela, a primeira discípula, nos ensina a todos os discípulos como somos convidados a enfrentar o sofrimento do inocente, sem evasões ou pusilanimidade. Olhar para Maria é aprender a descobrir onde e como o discípulo de Cristo deve estar.

Que o Espírito Santo nos dê a graça da conversão e da união interior para poder expressar, diante desses crimes de abuso, a nossa compunção e a nossa decisão de lutar com coragem.

## **Francisco**

*Cidade do Vaticano, 20 de Agosto de 2018.*

---

[1] «Esta espécie de demónios não se expulsa senão à força de oração e de jejum» *Mt* 17, 21.

[2] Cf. Carta do Santo Padre Francisco ao Povo de Deus que peregrina no Chile, 31 de Maio de 2018.

[3] Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, 19 de Março de 2018.

# o equívoco da fé "na" Igreja

1. É de A. Loisy um dos ditos que, desde o seu pronunciamento, no início do século XX, mais animaram o debate teológico: "Jesus anunciou a vinda do Reino de Deus, mas o que veio foi a Igreja." E é um dito decisivo também para a compreensão em profundidade da tragédia da pedofilia por parte do clero.

Quando se recita o credo (a síntese da fé cristã), é necessário estar prevenido contra possíveis alçapões. Vejamos. Diz-se: "Creio em Deus Pai, em Jesus Cristo, no Espírito Santo." Em português também se diz "Creio na Igreja una, santa, católica", como se esta estivesse ao mesmo nível de Deus. Realmente, não pode ser nem é assim. Aliás, o latim faz a distinção essencial, pois diz: "*Credo in Deum...*"; porém, não diz "*Credo in Ecclesiam*", mas "*Credo Ecclesiam*". A diferença essencial está naquele "*in*"; Creio "em" Deus, o que significa: entrego-me confiadamente a Deus, mas não creio "na" Igreja; o que lá está é: em Igreja, isto é, fazendo parte da Igreja como comunidade de todos os batizados, creio em Deus, em Jesus e espero a vida eterna...

Como habitualmente se coloca tudo no mesmo plano, dizendo "creio na Igreja", é fácil interiorizar a ideia de que se acredita na Igreja enquanto instituição, e instituição divina, com todos os enganos e desastres que se sucedem.

Jesus queria a Igreja enquanto povo de Deus, não uma Igreja instituição de poder e clerical, com duas classes: de um lado, a hierarquia, o clero, que ensina e que manda em nome de Deus, e, do outro, os leigos, os que obedecem. Veja-se o significado da palavra leigo no linguajar comum: sou um "leigo", com o sentido de incompetente, ignorante. Ou a expressão referida aos padres, quando lhes é retirado o ministério: "foi reduzido ao estado laical", com o sentido implícito de ter perdido o privilégio de clérigo. Na Igreja, segundo Jesus, há ou deveria haver uma igualdade radical e, conseqüentemente, nela deve reinar a fraternidade, a igualdade e a liberdade. Evidentemente, uma vez que há muitos cristãos e católicos, terá de haver alguma organização, algo institucional, mas a instituição tem de estar ao serviço da Igreja povo de Deus, e não hipostasiar-se, sacralizar-se, dando a si mesma atributos divinos. Aliás, Jesus disse: "Eu vim não para ser servido, mas para servir." Na Igreja, há serviços, ministérios.

O que se passou e passa é que a hierarquia, padres e bispos, sacralizaram-se, atribuindo-se a si mesmos privilégios sacros ao serviço dos quais estaria o próprio celibato. Eles trazem Cristo à terra na Eucaristia, só eles perdoam os pecados, e formam uma espécie de casta à parte, como diz a própria palavra clero, são ministros, mas ministros sagrados... O padre é *alter Christus* (outro Cristo). Isso foi de tal modo interiorizado pelo comum dos católicos que há constantemente o perigo da deriva para o clericalismo, como diz o padre Stéphane Joulain, psicoterapeuta: "Considerar que, porque se foi ordenado, se tem direito a uma forma de reverência é um erro, de que alguns não hesitam em abusar... A cultura de um país, a sua história, desempenham um papel nisso: nos Estados Unidos, mas também na África, os leigos encontram-se numa grande submissão aos padres. Alguns fiéis, citados no relatório judicial da Pensilvânia, contam que, quando um padre os visitava, era como se o próprio Deus entrasse em casa..."

Mais: neste contexto, também se entende que o perigo máximo consista em defender e proteger a instituição, mesmo à custa daqueles que verdadeiramente deveriam ser defendidos e protegidos: as crianças e os mais frágeis. O encobrimento para defender a Igreja-instituição no seu prestígio!

2. Perante os escândalos que se sucedem - Irlanda, Chile, Austrália, Estados Unidos... -, o arcebispo de Boston e presidente da Pontifícia Comissão para a Protecção de Menores, cardeal Sean O'Malley, manifestou-se "totalmente envergonhado pelos atrozes fracassos" na sua protecção - "há momentos em que nos faltam as palavras" -, esperando que a Igreja abraça finalmente de verdade a "conversão pastoral", a "transparência legal" e a "responsabilidade pastoral".

Neste contexto, o Papa Francisco escreveu uma carta a todo o povo de Deus, co-responsabilizando-o nesta tarefa. Uma carta inédita, sentida, corajosa, leal, na qual condena com "dor e vergonha" as "atrocidades" dos abusos sexuais, denuncia o clericalismo, "peste da Igreja", como uma causa fundamental dos abusos - este "modo desviante de conceber a autoridade na Igreja gera uma cisão no corpo eclesial que encoraja e ajuda a perpetuar muitos dos males que denunciamos" -, afirma que "as feridas nunca prescrevem" e que os abusos são "um pecado" e um "crime", como sublinhou Greg Burke, o porta-voz do Vaticano, acrescentando que "é preciso que os culpados prestem contas urgentemente, não só os que cometeram esses crimes mas também os que os encobriram, o que em muitos casos inclui os bispos". Para lá das sanções previstas pela Igreja e a colaboração com a justiça civil, Francisco sublinha que é "necessário que cada baptizado se sinta comprometido na transformação eclesial e social de que tanto necessitamos".

3. Medidas concretas, pois, como justamente se tem afirmado, "não basta a conversão espiritual".

O secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin, admitiu que os abusos tiveram um "impacto devastador na Igreja". Como o Papa Francisco insiste, "o nosso primeiro compromisso é estar com as vítimas e ajudá-las para que possam reconstruir as suas vidas". Ajudá-las nos vários domínios, ouvindo-as, acolhendo-as, dando-lhes protecção real, apoio psicológico, ajudas materiais...

É necessário abrir os arquivos, pois só com a verdade se poderá fazer justiça, justiça para todos, garantindo também a legítima defesa dos acusados.

O que se passa na Cúria, com as suas ocultações?

Terá de haver lucidez e coragem para pôr fim à lei do celibato obrigatório para os padres. E as mulheres têm de encontrar na Igreja o seu lugar em igualdade com os homens, segundo os ensinamentos e prática de Jesus. Rever o actual modelo de padre e caminhar no sentido de um escrutínio psicológico dos candidatos a padres, como já acontecia a seguir ao concílio. Neste sentido, já há muitos anos, o teólogo e psicanalista Eugen Drewermann, num livro célebre, *Die Kleriker (Os Clérigos)*, escreveu: "O problema da psicologia do estado clerical adquire uma relevância de primeira ordem e apresenta-se, cada dia mais, como o verdadeiro ponto débil da Igreja Católica."

4. Perante uma das piores crises da história da Igreja, importa refundá-la, indo ao encontro do Evangelho. Na linha da carta de Francisco, apelando à co-responsabilidade de todo o povo de Deus, penso que se deveria convocar um sínodo, com a representação dos bispos de todo o mundo, mas também da Cúria, dos padres, dos religiosos e das religiosas e dos leigos, eles e elas, proporcionalmente ao seu número, sob a presidência do Papa.

Como escreveu Joana Petiz a propósito destes escândalos que bradam aos céus, "a Igreja Católica não é isto. Mas enquanto não tomar medidas sérias e exemplares contra aqueles que usam Deus como desculpa para submeterem os mais fracos - precisamente o oposto do que defende a religião - será confundida com isto, com o que de pior existe no mundo."

ANSELMO BORGES. Padre e professor de Filosofia

*Diário de Notícias*, 18/08/2018

# super taça Cândido de Oliveira – saberão quem foi?



Sabe-se que o apego ao futebol profissional é um fenómeno transversal na sociedade portuguesa, que não distingue classes, géneros, graus académicos, grupos etários, ou ideológicos.

Em todas estas particulares fatias de

potenciais adeptos existe, em maior ou menor número, aquilo a que, com alguma propriedade, se pode chamar o “nacional grunho”.

Adoraria saber quanta dessa “grunhagem” que se arrasta pelos estádios, sempre que está aos gritos pela vitória do seu clube na *Super Taça Cândido de Oliveira*, até hoje conquistada pelo Porto (muitas vezes), Sporting (menos vezes), Benfica (ainda menos), Boavista (3 vezes) e Vitória de Guimarães (só uma), deixaria cair a taça, com nojo, se soubessem que Cândido de Oliveira, para além de tudo o que fez como jogador e treinador, foi também um destacado lutador anti-fascista... “destaque” que lhe valeu uma estadia no Tarrafal, o conhecido “*campo da morte*” de Salazar... entre 1942 e 1944.

Também foi um dos fundadores do Jornal “*A Bola*”, em 1945... mais uma coisa que deveria fazer recuar das bancas onde aquilo se vende (apesar de estar muito longe daquilo que foi), a “grunhagem” que está sempre pronta a bolçar que “isto está a precisar é de um Salazar” e, evidentemente, a morte da “comunagem”.

Saberão?!

Samuel Quedas, no seu *blog* de 09/08/18.